

A arma mais mortífera

André Gustavo Stumpf

Conta-se que algumas autoridades européias foram convidadas pelos dirigentes comunistas para assistir ao magnífico desfile comemorativo da revolução socialista, em Moscou. Isso no auge do poderio da União Soviética. Desfilaram legiões de soldados, armas capazes de destruir o mundo várias vezes e, repentinamente, surgiu um grupo de civis, sem qualquer identificação, nem disciplina. Eles não desfilavam, passeavam.

— Que grupo é esse, perguntou um dos visitantes.

— São os economistas. É nossa arma mais mortífera. Eles destroem tudo: países, reputações e acordos.

Essa é uma piada antiga que fica bem colocada na União Soviética, colosso imperial que desabou por má gestão, inclusive de caráter econômico. Poderia ser ambientada na Esplanada dos Ministérios em Brasília, onde um grupo ensandecido de economistas trata de destruir tudo o que encontra pela frente, desde acordos até reputações, com absoluto desprezo pelo cidadão, pelo consumidor e pelo contribuinte.

Os economistas brasileiros estão, nestes dias, revelando dotes insuspeitados. Por exemplo, calaram diante da barbaridade da transferência da Comissão de Valores Mobiliários para o Rio de Janeiro. Eles querem trabalhar perto da praia. Se qualquer outro órgão da administração federal decidir se mudar de Brasília vai receber uma sonora negativa dos donos do dinheiro. Afinal de contas, mudar uma divisão inteira do Banco Central é uma operação de custo elevado. Nesse caso, contudo, os economistas se calam. Eles são os principais beneficiados.

Mas há outros aspectos a considerar. A CVM controla o mercado de ações. E vai ficar junto à Bolsa. Ou seja, a promiscuidade na convivência dos técnicos com o mercado, de que os senhores com justa razão estão reclamando, vai aumentar. E pior: a principal bolsa de valores do Brasil está em São Paulo e não no Rio. Mas São Paulo não tem praia. Tem a Avenida Paulista ávidamente frequentada, nos intervalos dos vãos da ponte-aérea, pelos economistas que deixam

o governo. É um exemplo típico de grupo que legisla em causa própria.

Outro magnífico exemplo da criatividade econômica nacional é a novela da importação de carros. O governo Fernando Henrique Cardoso ainda não completou sete meses e já está na terceira política em relação aos veículos importados, que foram elevados a categoria de principais culpados pelas mazelas do país. Não se discute mais a má qualidade das carroças brasileiras, nem seu elevado preço. Os economistas esqueceram o discurso da abertura da economia — que elegeu o presidente da República — e investem com a maior sem cerimônia contra os acordos do Mercosul. Na segunda-feira, o presidente brasileiro vai ser obrigado a se desculpar perante o argentino, em São Paulo, por causa das peraltices de seus meninos economistas.

O câmbio está errado, como até as pedras das ruas sabem. Sobre o assunto, no entanto, pesa um espesso silêncio. Enquanto isso, a sociedade paga um preço absurdamente elevado pelos erros desse grupo. A inflação está em torno de 2% ao mês e a taxa de juros alcança 16%. É a maior do mundo. Ao mesmo tempo, os gênios da raça anunciaram a desindexação dos salários. Isso significa o seguinte: os salários ficarão estáveis, enquanto todos os demais preços continuarão a subir, porque eles permanecerão indexados, assim como os impostos.

É um momento raro na história de um país. Nunca tantos deveram tanto a tão poucos. Nos dois sentidos. A sociedade está vivendo uma recessão profunda, provocada pela peraltice dos meninos. E aumenta o seu endividamento, junto aos bancos, por causa da inacreditável taxa de juros. E os raros grupos que ganham com a situação estão devendo um enorme favor a esse pequeno grupo de iluminados. Estão realizando, inesperadamente, lucros elevadíssimos. Os economistas brasileiros, como na piada, são capazes de destruir tudo. Constituem a arma mais mortífera. Estão destruindo reputações, países e acordos como o do Mercosul.

*Economistas
são as
armas mais
mortíferas:
destroem tudo*